

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Luis Vinicius Belizário¹

RESUMO: Busco neste trabalho discutir a condição cultural e estética dominante no capitalismo, concentrando-me nas condições estabelecidas após a queda do Muro de Berlim. Mesmo que não abordando o colapso da União Soviética e outros elementos da Bipolaridade, o que estará no cerne de toda a discussão é justamente a crise das ideologias nas sociedades Ocidentais do final do século XX e início do XXI. A noção de tempo-espaço avassalada pelas novas formas de organização social, a velocidade da produção e a volatilidade das relações. A vida paralelamente discutida em analogia a produção cinematográfica é o fio que norteia este trabalho em uma tentativa de demonstrar o quanto este novo modo de organização dissolveu a nossa referência de razão e de compreensão de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Pós Modernidade. Insegurança. Relações Fugazes. Tempo-Espaço. Medo. Matrix.

Tentemos fornecer uma explicação fácil e breve. O que há de mais familiar e mais conhecido do que o tempo? Mas, o que é o tempo? Quando quero explicá-lo, não encontro explicação. Se eu disser que o tempo é a passagem do passado para o presente e do presente para o futuro, terei que perguntar: Como pode o tempo passar? Como sei que ele passa? O que é um tempo passado? Onde ele está? O que é um tempo futuro? Onde ele está? Se o passado é o que eu, do presente, recordo, e o futuro é o que eu, do presente, espero, então não seria mais correto dizer que o tempo é apenas o presente? Mas, quanto dura um presente? Quando acabo de colocar o 'r' no verbo 'colocar', este 'r' é ainda presente ou já é passado? A palavra que estou pensando em escrever a seguir, é presente ou é futuro? O que é o tempo, afinal? E a eternidade?

(Santo Agostinho - *Confissões*, 1996, p. 261)

1. Sinopse: o que é a Matrix?

¹ Cientista Social e Mestrando do Programa de CHS da UFABC, viniciusbelizario@yahoo.com.br.

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Esta é a grande pergunta que movimenta toda a trama cinematográfica de 1999, escrita, produzida e dirigida pelas irmãs Lana e Lilly Wachowski. Sr. Anderson é um jovem de vida dúbia. Durante o dia possui atividades profissionais como qualquer cidadão comum, mas a sua segunda condição – hacker – lhe gera um conflito e uma dúvida que o faz buscar de todas as formas uma resposta. Em sua jornada em busca da pergunta norteadora do filme, Neo – seu nome de hacker – conhecerá Morpheus, um sábio que se apresentará como o único indivíduo capaz de conduzi-lo na direção das respostas que procura e na eliminação de seus medos e angústias.

Neo aceitará o desafio e embarcará em uma viagem alucinante e repleta de surpresas. Ora se assemelhará a Alice nos Países das Maravilhas ou a Dorothy no território do Mágico de Oz. Em outros momentos, será um ser comum, mas também o libertador, o escolhido, o filho de Deus. Conhecerá a Santíssima Trindade personificada em uma mulher, e questionará com isso se tudo o que conhece é de fato real. Enfrentará não somente inimigos, mas também um traidor que poderá se associar a Judas Iscariotes ou a Satanás.

A produção é uma frenética troca e mistura de culturas, identidades, visões religiosas e filosóficas que vai se amarrando e criando uma trama que envolve alta tecnologia, a dinâmica dos quadrinhos e a clássica jornada do herói.

Vivendo em um mundo controlado, que lembrará em muito as ideias de George Orwell em “1984” (1948) ou as teorias de Michel Foucault em “Vigiar e Punir” (1975), por exemplo, Neo assumirá no primeiro momento a condição de questionador, que se assemelhará a de Bernard Marx, em “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley (1932), mas que depois, assumirá a posição de John na mesma obra, quando travará uma espécie de luta contra as imposições e regras daquela sociedade.

Huxley nos apresenta em sua produção literária, uma sociedade dita como civilizada, mas que é conduzida por meio de regras limitantes e que sufoca muitos de seus integrantes e que cria um sistema de castas e de exclusão social que também conseguimos ver muito bem representado em Matrix.

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

As revelações que teremos na produção hollywoodiana também não divergem das revelações que teremos em “Admirável Mundo Novo”. Mais tarde o autor escreverá “*Retorno ao Admirável Mundo Novo*” (1959), onde desafiará a complacência e o que podemos chamar de falsa ética social, considerando as discussões sobre a pós modernidade.

Aldous Huxley, demonstrará nesta outra obra, “profecias” de seu romance anterior sendo realizadas devido ao progresso científico. Aquilo que na época consideraram grotesco, assustador e incrível, hoje em muitos pontos é corriqueiro e plenamente aceitável. O temor de Huxley em sua obra seguinte, concentra-se na bomba H. O pensador britânico Anthony Giddens, aponta em “*Consequências da Modernidade*”, o temor relacionado as armas nucleares – e que ainda não pode ser descartado, apesar do tema não estar em evidência no momento. Em Matrix, o medo de ambos já se realizou! Não inicialmente pela explosão de uma bomba H ou nuclear, mas pela criação de máquinas com IA (Inteligência Artificial) que dominarão a terra, e na tentativa de não perder o controle do mundo, os humanos terão queimado o céu – talvez com bombas ou dispositivos semelhantes que façam jus ao temor que possuíamos em meados e final do século XX, conforme Huxley e Giddens demonstram em suas produções.

Para Neo, Morpheus e todos os heróis e vilões de Matrix, ela não passa de um programa criado para o controle e domínio total da humanidade. Um lugar que desafia a lógica do tempo-espço e que mantém os seres humanos vivendo adormecidos e servindo de energia para o funcionamento e manutenção do sistema.

Para nós, seres reais e pensantes, Matrix para além de sua função de entretenimento ou de enriquecimento e sobrevivência de seus produtores e todos os envolvidos na indústria cinematográfica, podemos entender como um apelo a compreendermos o mundo que vivemos e a questionarmos de que forma estamos conduzindo o modo de organização que criamos. Uma analogia mais assertiva entre a ficção e a realidade, deixarei para Bauman. O sociólogo polonês disse que vivermos:

(...) num mundo em que poucas pessoas continuam a acreditar que mudar a vida dos outros tenha alguma relevância para a sua; num mundo, em outras palavras,

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

em que cada indivíduo é abandonado à própria sorte, enquanto a maioria das pessoas funciona como ferramenta para a promoção de terceiros. (BAUMAN, 2007, p. 30)

Diante desta explicação, relevando os equívocos e respeitando o tempo e o momento de cada um dos teóricos e artistas envolvidos na análise que iniciarei, posso dizer que Matrix, mesmo diante de todas as críticas e recusas de muitos, é um excelente material para a reflexão de nossa existência na modernidade.

A obra reflete o momento atual de nossa organização e é uma brilhante forma de unificação de elementos com o intuito de resgatar algo que para muitos está dado como adormecido ou extinto. A nossa capacidade de mudança diante de um mundo que dita uma ideia de condição de vida e existência consolidadas, onde não existe mais espaço para questionamentos, enfrentamentos ou modificações.

2. Controle, Vigilância e Confiança

Cypher: Não é pra você me substituir.

Trinity: Eu sei, mas senti vontade de trabalhar.

Cypher: Gosta dele né? Gosta de observá-lo

A primeira imagem do filme é uma tela negra com códigos aleatórios que deslizam sobre ela e demonstram que estamos diante de uma sequência de códigos de programação. Existe algo por trás daquilo, mas apenas vemos os códigos e não conseguimos decifrar o que é e quem são as pessoas que dialogam por trás daquele plano.

As primeiras falas do filme ocorrem sob este quadro - o diálogo entre Cypher e Trinity. Notamos que existe uma vigilância sobre alguém, um turno que está sendo trocado e um diálogo que aborda muitas outras questões que veremos mais a frente. O que nos importa agora é justamente a questão da vigilância. Michel Foucault é um pensador contemporâneo que trabalha muito bem este conceito em sua obra “Vigiar e Punir”, mas Anthony Giddens promove uma relação interessante sobre a questão da vigilância, pois

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

ele afirma que ela é parte fundamental a todos os modelos de organização relacionados à ascensão da modernidade.

A vigilância se refere à supervisão das atividades da população súdita na esfera política — embora sua importância como uma base do poder administrativo não se confine a esta esfera. A supervisão pode ser direta (como em muitas das instâncias discutidas por Foucault, tais como prisões, escolas e locais de trabalho abertos) mas, mais caracteristicamente, ela é indireta e baseada no controle da informação. (GIDDENS, p. 55, 1991)

Não sabemos neste primeiro momento quem é que vigia Neo e muito menos o que se esconde por trás daqueles códigos de programação que deslizam sobre a tela negra, mas veremos que no decorrer do filme, este é o grande segredo da sociedade. Não revelar o que está por trás das coisas, não tornar explícito aos indivíduos o que se esconde por trás das estruturas sociais.

Mas Neo é curioso, possui uma inquietação dentro de si que não sabe explicar. E é justamente esta inquietação que o levará a decifrar e compreender o que está por trás de tudo. Esta situação inicial de ignorância que vive o protagonista da produção cinematográfica, é muito bem explicada por Giddens, quando ele apresenta a nossa condição perante a modernidade.

Uma parte básica de meu argumento será a de que a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos, especialmente confiança em sistemas peritos. Em condições de modernidade, o futuro está sempre aberto, não apenas em termos da contingência comum das coisas, mas em termos da reflexividade do conhecimento em relação ao qual as práticas sociais são organizadas. Este caráter contrafactual, orientado para o futuro, da modernidade é amplamente estruturado pela confiança conferida aos sistemas abstratos — que pela sua própria natureza é filtrada pela confiabilidade da perícia estabelecida. (GIDDENS, p. 77, 1991)

Não conseguimos entender os caminhos exatos do futuro, tudo é muito vago, fluido, incerto e improvável. Tudo está aberto à modificações, interrupções e surpresas. Isso em sociedades pré modernas seria o suficiente para a falta de confiança dos indivíduos daquela sociedade, mas não é o que ocorre com os pertencentes às sociedades pós modernas. Confiamos nos sistemas abstratos, como nos expõe Anthony Giddens. Acreditamos cegamente que exista uma lógica, um controle perfeito de todos os

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

processos sociais e que as coisas são geridas por peritos, especialistas que dominam totalmente os processos estruturais de nossa sociedade. Não nos importamos com os dados técnicos que estão por trás dos sistemas de controle dos metrô, por exemplo. Nós simplesmente entramos nos trens e não pensamos nas inúmeras falhas que ocorrem e muito menos acreditamos que acidentes graves ou fatais possam nos envolver. Confiamos em uma perícia que não sabemos ao certo o quanto de fato é perita e confiável. Mas isso nem sempre ocorre desta maneira, pois muitas vezes a desconfiança se faz presente.

Anthony Giddens discorrerá sobre o que ele chama de noção de desencaixe ou reencaixe. Ele ao fazer esta referência, fala sobre a reapropriação ou remodelação das relações sociais nas quais nos submetemos e nos ajustamos ou tentamos nos ajustar. E ele afirma que quando estas relações sociais não estão ajustadas, elas são comprometidas em sua condição de tempo e lugar, e com isso, conseqüentemente abalam a nossa confiança.

O pensador nos apresenta duas formas distintas relacionadas a esta confiança. A primeira ele denomina de compromisso “com rosto”, e seria referente as relações que desenvolvemos no cotidiano e que ele chama de verdadeiras. Elas seriam expressas por meio de conexões sociais que são estabelecidas pelas circunstâncias de co-presença e relacionamentos diretos. A segunda forma relacionada a esta confiança, seria o compromisso “sem rosto”. Esta outra maneira de nos relacionarmos, estaria ligada a nossa fé nas fichas simbólicas e nos sistemas peritos que Guiddens denomina de sistemas abstratos. E é sobre esta segunda forma que paira os desconfortos e inquietações da modernidade.

As instituições modernas, possuem uma estrutura diretamente ligada aos mecanismos de confiança dos sistemas abstratos, e principalmente nos sistemas peritos, conforme destaca o sociólogo britânico. Na modernidade, o futuro é incerto, nada é fechado e tudo se orienta para ele. O presente deixa de conter em si o tempo presente e atual e tudo se volta para o futuro, para algo que na maioria das vezes não se tem certeza ou garantia alguma, mas que se acomoda no presente, fazendo com que nos movimentemos em sua

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

direção – mesmo que não saibamos de fato qual direção é esta e o que ela nos reserva com exatidão.

Este caráter inseguro, impalpável e flexível do presente – que na verdade é uma projeção do futuro – é estruturada pela “confiança que os sistemas abstratos nos oferecem” e pela sua natureza, peneirada pela confiança e pela fé que desenvolvemos pelos sistemas peritos. A nossa condição de leigos diante deste mundo, é o que nos fornece a confiança necessária para vivemos em paz com tudo o que nos envolve. Esta paz necessita de uma boa dose de ignorância e confiança para se estabelecer, caso contrário, os resultados não serão agradáveis ou confortantes.

Certamente a condição de desencaixe – termo utilizado por Giddens - se efetivará e a desconfiança se instalará. Por este motivo a confiança é extremamente importante na modernidade, e a busca pelo reencaixe é algo que está inserido nas instituições para que o desconforto e a desconfiança não tome proporções para além da normalidade e não coloque em risco a condição da realidade.

Em Matrix isso está explícito na cena em que Cypher – cansado da realidade e sedento pela confiança perdida – ao dialogar com Smith, decide entregar seus amigos e trair a revolução em troca do conforto que a confiança nos sistemas abstratos promovem. Em uma das cenas mais antológicas desta produção cinematográfica, após o acordo firmado entre o tripulante da nave Nabucodonosor e o agente que os persegue, Cypher diz, “*Apos nove anos... Sabe o que percebi? A ignorância é maravilhosa*”.

Não existe passagem mais apropriada para elucidar o que Giddens tem a dizer sobre a ignorância e a confiança. Cypher nos mostra isso ao não suportar mais a dor de saber sobre a realidade, e decide trair tudo e todos em troca de conforto, segurança e paz de espírito, já que qualquer um nestas condições - seja lá por qual motivo venha a ter conhecimento sobre o que de fato está por trás dos sistemas peritos e abstratos - jamais

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

sentir-se-á seguro e muito menos terá a confiança necessária para se viver em paz neste mundo novamente.

Da mesma forma ocorre com a vigilância. Não imaginamos que o fornecimento de nossos dados na internet e a aceitação dos contratos para participar de uma rede social é uma forma de vigilância. Não relacionamos que o GPS de nosso aparelho celular - conectado ao facebook e indicando o tempo todo onde estamos e de onde nos comunicamos - seja uma forma de vigilância e controle. Nossas, compras virtuais, os sites que navegamos, os programas que assistimos geram algoritmos que resultam em novas ofertas de produtos, filmes, matérias, sites e outras coisas que nos identificamos. Uma vigilância orientada para o consumo, segurança, controle, ou seja lá o que for, mas não deixa de ser uma vigilância.

Acreditamos que tudo isso não passa de uma facilidade da internet, uma inteligência que está a nosso serviço e em busca do bem geral da humanidade. De forma alguma entendemos isso como controle ou vigilância - o que de fato é. Só nos relacionamos bem com tudo isso por contra da ingenuidade, do desconhecimento, da condição leiga que só a ignorância nos pode possibilitar. Se não existisse a ignorância e se ela não fosse sistematicamente trabalhada e reproduzida, a confiança em tudo o que nos envolve não seria possível e o nosso mundo desmoronaria, assim como toda a condição da modernidade, pois a inquietação que tomaria conta de nós, seria tão sufocante, que buscaríamos de todas as formas respostas para explicar a nossa existência. Mesmo que no fundo, não soubéssemos por qual motivo as estivéssemos buscando.

E é justamente isso o que está ocorrendo com Neo. Ele está inquieto, possui uma curiosidade que o desconcerta e o move em direção a algo que ele não sabe ao certo o que é, mas que o faz buscar respostas. A confiança de Neo nos sistemas abstratos não é de fato tão sólida. Ele possui uma fluidez em seu âmago, a realidade não está consolidada em si como deveria, e um desconforto agonizante é o que rege a sua vida, práticas e relações sociais. Neo representa todas aquelas pessoas que na modernidade,

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

de alguma maneira, estão com suas convicções sobre o mundo avariadas de alguma forma. O protagonista de certo modo, simboliza a desilusão, o desencantamento e a desconfiança que a modernidade não deseja que desenvolvamos. Ele é o adulto desiludido, como nos explica Marilena Chauí.

Os adultos se desiludem ou se decepcionam quando enfrentam situações nas quais o saber adquirido, as opiniões estabelecidas e as crenças enraizadas na consciência não são suficientes para que compreendam o que se passa nem para que possam agir ou fazer alguma coisa.
(CHAUI, 2003 p. 89)

Neo no início do filme está totalmente sem chão, desiludido, melancólico, afoito e angustiado. Ele busca respostas, mas não sabe exatamente quais perguntas precisa fazer. A sua insegurança em relação a sua existência é evidente e o seu desconforto, algo que se vê nitidamente em seu semblante durante boa parte do filme, enquanto ele ainda está imerso em dúvidas e desconfiança.

2.1. Inquietações existenciais: Insegurança e Desconforto

A Matrix está em todo lugar. É tudo que nos rodeia. Mesmo agora, nesta sala. Você pode vê-la quando olha pela janela, ou quando você ligar sua televisão. Você pode sentir isso quando você vai para o trabalho, quando você vai à igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que foi colocado diante dos seus olhos para cegá-lo da verdade. (MORPHEUS - MATRIX)

A frase acima é uma das primeiras respostas que Neo recebe quando entra em contato com um especialista e perito daquele sistema abstrato - conforme diria Giddens. Morpheus é uma das principais personagens do filme. Ele possui diversas facetas alegóricas e possíveis interpretações para elas. Assume várias identidades, algo que na modernidade não é de se estranhar. Como as mais marcantes, podemos citar a figura de Pai, o Deus criador e orientador de todos.

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Em outras situações ele será a representação de São João Batista, aquele que batiza e que acredita no filho de Deus – neste caso Neo. Morpheus inicia a explicação ao seu orientado - que ainda não acredita ser quem o guru diz ser – sobre o que seria a Matrix. Ele tenta mostrar para Neo a complexidade da resposta que ele busca, mas neste momento da explicação, a sua fala apenas amplia uma angústia que já consome demasiadamente o protagonista da história.

A inquietação de Neo, simboliza a nossa angústia existencial diante do mundo pós-moderno. Um mundo onde o presente é volátil, o futuro é incerto e a velocidade esquizofrênica. Algo totalmente novo para nós que antes desta condição, possuíamos uma concretude diante da vida que já não é mais possível.

Em períodos pré modernos, o tempo era marcado pelo ritmo da natureza e nos permitia depositar uma confiança e uma certeza na vida que hoje já não temos mais. Conforme nos aponta David Harvey, *“A volatilidade e a efemeridade também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade. A experiência passada é comprimida em algum presente avassalador.”* (1989 p. 263)

E este presente que mais parece um rolo compressor, estabelecido pela *“transição para a acumulação flexível, foi feita em partes, por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas”*, aponta-nos também o mesmo autor (p. 257). Ou seja, os avanços da tecnologia e as novas formas organizacionais que estabelecemos para mediar e orientar nossas vidas, passaram a impactar de forma direta no cotidiano dos indivíduos. O resultado é justamente uma enorme insegurança e inquietação diante da existência, sem ao certo sabermos explicar, expressar ou compreender. Esta também é a condição vivida por Neo no filme.

É também a condição de muitos indivíduos em seu cotidiano. Justamente por não terem mais certeza alguma sobre o tempo e o espaço. *“A certeza do espaço e do lugar absoluto foi substituída pelas inseguranças de um espaço relativo em mudança, em que os eventos de um lugar podiam ter efeitos imediatos e ramificadores sobre vários outros.”* (HARVEY, 1989 p. 238)

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Esta certeza se dilui quando passamos a notar os desencaixes do cotidiano, quando acessamos com mais frequência os “pontos de acesso” e obtemos outras informações sobre aquilo que acreditávamos ser o real. Aquilo que parecia ser familiar, natural e que estávamos habituados e confortáveis se desestrutura. E neste desequilíbrio, deixamos de acreditar cegamente na realidade e o estranhamento acontece. Neste momento temos duas escolhas, ou alimentamos este estranhamento ou de alguma forma tentamos nos afastar dele.

Não é fácil manter-se constantemente em busca de respostas. Não é confortável viver questionando o que nos vendem como inquestionável. Não é agradável existir confrontando uma existência que para o mundo é real e aceitável, mas que para nós contém algo de errado e que merece ajustes e reformulações. Somos dogmáticos, pois desde crianças acreditamos que o mundo existe e é exatamente da forma como o percebemos. Marilena Chauí nos explica que:

Na atitude dogmática, tomamos o mundo como já dado, já feito, já pensado, já transformado. A realidade natural, social, política e cultural forma uma espécie de moldura de um quadro em cujo interior nos instalamos e onde existimos. Mesmo quando acontece algo excepcional ou extraordinário (uma catástrofe, o aparecimento de um objeto inteiramente novo e desconhecido), nossa tendência espontânea e dogmática é a de reduzir o excepcional e o extraordinário aos padrões do que já conhecemos e já sabemos. Mesmo quando descobrimos que alguma coisa é diferente do que havíamos suposto, essa descoberta não abala nossa crença e nossa confiança na realidade, nem nossa familiaridade com ela. (CHAUÍ, 2003 p. 92)

Mas e quando esta crença na realidade por algum motivo se abala? E quando a nossa familiaridade com ela demonstra sinais de fraturas e rompimentos? E se decidirmos continuar com o desconforto, com os questionamentos sobre aquela mulher que vimos na neblina? E se continuarmos a refletir sobre sua condição e o que a levou até aquele ponto ou produziu tudo aquilo? Certamente o mundo dogmático que conhecemos desabarará e deixará de ser o que era. Nos jogamos em uma zona de risco típica da modernidade, mas que a ignorância ofusca e nos acalenta. Mas e se por acaso tentarmos nos lançar para fora desta condição de leigos e desapercebidos da realidade? E se de fato assumirmos a

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

condição de questionadores e de sujeitos pensantes? E se ousarmos questionar os peritos e colocar em dúvida os sistemas abstratos?

Os peritos frequentemente assumem riscos 'a serviço' dos clientes leigos, embora escondam ou camuflem a verdadeira natureza desses riscos, ou mesmo o fato de existirem riscos. Mais danoso que a descoberta por parte do leigo deste tipo de ocultamento é a circunstância em que a plena extensão de um determinado conjunto de perigos e dos riscos a eles associados não é percebida pelos peritos. Pois neste caso, o que está em questão não são apenas os limites do, ou os lapsos no, conhecimento perito, mas uma inadequação que compromete a própria ideia de perícia. (GIDDENS, 1991 p. 117)

A inadequação que Anthony Giddens aponta é justamente toda a fé que depositamos e aprendemos desde criança a confiar na ciência e nas instituições sociais que nos regem e orientam. Tudo ruiria se nós leigos ousássemos desvelar tudo o que está oculto. Mas não é justamente isso o que o Neo se propõe a fazer em Matrix? Ele não busca a qualquer preço descobrir o que de fato é a sua realidade e com isso acalmar a inquietação que existe em si?

Neo possui uma dúvida metódica, já que coloca em xeque todo conhecimento, ideias, fatos e opiniões que possui. Ele decide passar tudo pelo crivo da dúvida e aceitar como válido apenas aquilo que passar e resistir aos processos de questionamentos oriundos de suas dúvidas. Neo, busca em Descartes uma forma de compreender o seu mundo, e ao analisarmos isso no filme, compreendemos que a existência do nosso pensamento, é o ponto inicial que nos levará as verdades sobre a nossa essência e concretude.

A reconstrução da nossa consciência sobre o mundo e a condição de encaixe social, dependem deste alicerce do saber, caso contrário, estamos fadados na melhor das hipóteses a uma vida de angústias, agonia e busca por respostas que jamais serão reveladas. Na pior das condições, passaremos uma vida inteira envolvidos em uma ingenuidade cega e ensurdecidamente ignorante, que para muitos talvez seja uma bela alternativa para escapar da dor – como foi a opção de Cypher ao fazer um acordo com o agente Smith – mas que estruturalmente falando, é uma péssima hipótese, pois tais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

condições reforçam e continuam a alimentar e fortalecer um sistema que cada vez mais, necessita que o nosso conhecimento sobre ele seja superficial, vago e incompleto.

Só desta forma é que as condições da modernidade se reproduzem com cada vez mais velocidade e nos mantém neste estado letárgico e estupor catatônico de desconhecimento e de falta de ação. Seguimos assim reproduzindo as condições desumanas na qual a acumulação flexível nos introduziu, e aceitando como se nenhuma outra possibilidade fosse possível. Vivemos como se estivéssemos dormindo e vivendo em um faz de conta.

3. Aparência superficial: simulacro

"**Garoto:** Não tente entortar a colher. Isto é impossível.
Ao invés disto tente perceber a verdade.

Neo: Que verdade?

Garoto: Não há colher.

Neo: Não há colher?

Garoto: Então você verá que não é a colher que entorta,
e sim você mesmo."

Neo em sua busca por respostas é levado até a Oráculo – referência direta a mitologia e filosofia grega - para saber sobre o seu destino. Na sala de espera, ele encontra um garotinho que está tipicamente trajado como um monge. A criança brinca com uma colher, e parece entortá-la com a força de sua mente ou com o movimento de sua cabeça. O diálogo que se sucede após a cena é justamente o que está acima descrito.

Giddens nos diz que em uma sociedade pós moderna, os laços religiosos se enfraquecem e fusões entre ciência e tradições religiosas ocorrem, ou seja, para ele a cosmologia religiosa tem sido substituída pelo conhecimento reflexivamente organizado. E por mais que ele considere a religião como um meio organizador e gerador de confiança e que assim possa contribuir para o vínculo do tempo-espaço, ele deixa claro esta diluição, fusão e enfraquecimento das religiões e das tradições, afirmando que elas na modernidade passaram a sofrer um impacto crescente.

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Mas não é isso o que vemos ao assistir Matrix. O filme está repleto de referências religiosas. Neo representa o predestinado, que aqui poderíamos entender como o filho de Deus dentro das tradições Judaico-Cristãs, já que Neo é um anagrama de ONE – único, escolhido.

Morpheus é o Deus do sonho e dos sonhos nas religiões da antiguidade, mas ele também representa São João Batista se compararmos sua busca pelo escolhido. Trinity é a trina, ou a Santíssima Trindade. Pai, Filho e Espírito Santo. Cypher, o tripulante angustiado com a verdade e que deseja retornar para a Matrix e esquecer absolutamente tudo, tem o papel do “traidor” Judas Iscariotes, mas é também facilmente identificado como o maior dos vilões do Cristianismo, Lucifer/ **Lucypher**. Não é á-toa que ele usa uma jaqueta de couro que lembra as escamas de um réptil, ou de uma cobra – símbolo máximo do satanás no antigo testamento, quando ele utilizando de sua sagacidade artilosa, leva ao pecado as criações de Deus, Adão e Eva.

Mas se Giddens no início da década de 1990 aponta para estas características da pós modernidade, o que Matrix no final desta década nos apresenta é algo totalmente distante do que nos mostra o sociólogo em *“As Consequências da Modernidade”*.

Mas se a produção das irmãs Wachowski é de fato uma representação da Modernidade como aqui defendo, como explicar esta contradição? Para responder a esta dúvida, trago a seguinte afirmação.

Quanto maior a efemeridade, tanto maior a necessidade de descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa residir. O revivalismo religioso, que se tornou muito mais forte a partir do final dos anos 60, e a busca de autenticidade de autoridade na política (com todos os seus atavios de nacionalismo, localismo e admiração por indivíduos carismáticos e ‘multiformes’ com sua “vontade de poder” nietzschiana) são casos pertinentes. O retorno do interesse por instituições básicas (como a família e a comunidade) e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante. (HARVEY, 1989 p. 263)

É importante frisar que quando nos debruçamos sobre a obra de um pensador, não podemos ignorar que sempre devemos considerar a compreensão que devemos ter sobre

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

o seu tempo. E se mantivermos esta lógica e respeito a produção destes indivíduos, entenderemos que Giddens, apesar de um grande teórico e um dos pioneiros nesta discussão, não foi muito feliz nestes apontamentos sobre as tradições e as religiões.

Por outro lado, Harvey nos fornece uma aula de capacidade de observação e de visão sobre o seu tempo e sobre o futuro – por mais que isso possa parecer contraditório, já que na modernidade o futuro se dilui no presente.

Matrix nos apresenta justamente esta visão que David Harvey nos traz em sua obra, “Condição Pós Moderna” e faz transbordar uma quantidade imensa de elementos filosóficos, religiosos, míticos e espirituais que pode ser observado por toda a produção. Não é sobre um mundo cambiante – utilizando o termo que o autor fornece – transitório e incerto que a produção hollywoodiana transita? Não é um mundo de angústias, sem respostas e impalpável que Neo vive e tenta desvendar? E para aqueles que talvez discordem da capacidade de análise de Harvey, compartilho outra afirmação do autor .

A fusão da Comunidade Econômica Européia como bloco econômico vai ocorrer em 1992; manias de fusões e absorções vão varrer o continente; contudo, o thatcherismo ainda se proclama um projeto nacional distintivo que repousa nas peculiaridades dos britânicos (uma proposição que tanto a política da esquerda como a da direita tendem a aceitar). (HARVEY, 1989 p. 325)

No final de junho/ 2016 o que presenciamos na Europa que abalou o mundo e os mercados de ações? Os especialistas estão chamando de “*Brexit*”, a saída do Reino Unido da União Europeia. Como é possível constatar, Harvey comunicou exatamente sobre este fato se considerarmos que foi o nacionalismo peculiar dos britânicos – principalmente os mais velhos e conservadores – que levou a esta decisão a votação do plebiscito britânico, onde saíram vitoriosos com mais de 1,2 milhão de votos e com isso modificação de forma drástica a geopolítica europeia e mundial nas próximas décadas.

E por qual motivo estou dizendo isto? Porque David Harvey nos diz que ele percebe rachaduras nos espelhos – que aqui podemos entender como uma simbologia da realidade, ou deste reflexo que seria a realidade e falaremos um pouco mais adiante - e

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

que apesar delas não serem grandes, podem ser muito marcantes e significativas. E o simples fato delas existirem, já é um indício de que a pós-modernidade passa pelo que ele diz ser uma “súbita evolução”, já que ela talvez esteja alcançando um ponto de autodissolução e tornando-se algo diferente.

A Matrix na qual Morpheus e seus seguidores tentam eliminar, nada mais é do que a nossa sociedade em sua “última versão” - capitalismo flexível como diria Harvey. Seria esta a forma de organização na qual nos encontramos e que nos aprisiona e não nos faz plenos de forma alguma. Clausura e fragmentação estas vividas por Neo, que mesmo não tendo a real ideia do que vive e o angustia, sabe que existe algo de errado em sua existência.

E esta existência, que nada menos é do que a nossa forma de organização, e que de uma forma ou de outra, nos atropela e põe tudo o que nos envolve abaixo, é que também promoverá uma nova forma de indivíduos a partir de seu novo *habitus*, segundo Bourdieu. Tudo isso seria o resultado da busca frenética de vínculos sociais que hoje precisamos criar o tempo todo, já que nada mais é fixo ou a longo prazo. A nossa forma de viver e consumir modifica-se na pós modernidade, e como precisamos o tempo todo demonstrar um vínculo, necessitamos acompanhar os fluxos e as tendências de consumo e opiniões. Não é à-toa que muitas pessoas não compreendem absolutamente nada das ideias filosóficas, políticas, religiosas e sociológicas do filme em questão, e mesmo assim, dizem gostar e o consideram um bom filme, simplesmente pelas cenas de ação e pela vaga história que está na superfície de todas as discussões mais profundas do filme – sendo elas equivocadas ou não.

É contra tudo isso a luta dos personagens centrais de Matrix. Uma luta por libertação de alguma forma. Uma libertação que nem eles mesmos sabem ao certo o que é, já que o futuro é incerto e controlado pelo sistema - inclusive as rebeliões e revoltas. Mesmo assim eles lutam e buscam alternativas, assim como Harvey ao dizer, “(...) *a condição da pós-modernidade passa por uma súbita evolução, talvez alcançando um ponto de autodissolução em alguma coisa diferente. Mas o quê?*”(1989, p. 325)

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

De fato não temos todas as respostas, apenas indicações de caminhos e proposições que nos levam a agir. Mas não é isso que de certa forma Neo também faz no filme? Mesmo acreditando não ser o escolhido, ele não é levado a agir, a abrir mão de seu individualismo egocêntrico e se doar de forma altruísta em uma luta para salvar a vida de Morpheus? A pós-modernidade nos impõe uma realidade cruel, nos obrigado a viver e reproduzir uma lógica individualista e egoísta. *“Uma vez que a competição substitui a solidariedade, os indivíduos se veem abandonados aos seus próprios recursos – lamentavelmente escassos e evidentemente inadequados.”* (BAUMAN, 2007 p.74)

Para Bauman, esta nova forma de individualismo estabelecida por este novo modo de organização, enfraquece os vínculos humanos e define a solidariedade entre os indivíduos. Ele afirma que isso fica gravado em um dos lados da nossa moeda da vida, já em sua outra face, ele aponta que vai se desenhando uma forma nebulosa daquilo que ele chama de “globalização negativa”.

Quando Neo, decide pela vida de Morpheus e coloca em risco a sua vida, ele quebra a lógica que vinha acreditando até aquele momento – a de que ele não era o escolhido. Ele promove um pequeno arranhão no simulacro que vive, ou seja, promove uma fissura no espelho.

4. Buscando a essência

Neo: Por que os meus olhos doem?

Morpheus : Porque você nunca os usou.

Quando Neo, retorna de sua recuperação física/ muscular e se depara visualmente pela primeira vez com o mundo real, a primeira coisa a perguntar pra Morpheus é a frase acima descrita. Aqui as roteiristas do filme fazem uma referência direta ao Mito da Caverna de Platão - algo que já foi apontado e criticado aqui neste trabalho. Mesmo sendo válida a crítica a esta abordagem, é importante frisar que a intenção das produtoras

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

era evidenciar de alguma forma o quanto sentimos na pele as dificuldades na mudança do olhar e das observações sobre o mundo em que vivemos.

As angústias e ansiedades que vivemos no cotidiano, na maioria das vezes são interpretadas de forma equivocada. Não conseguimos enxergar o que de fato promove isso e tendemos de forma equivocada a buscar coisas imediatas e superficiais, na tentativa de sufocar algo que não sabemos explicar e não compreendemos. Tudo isso torna-se um ciclo vicioso de grande angústia, busca desenfreada para supri-la, relações fúteis e furtivas que no fundo não passam de um imenso medo dissimulado. Ou como definiu Bauman, “*O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época.*” (2007 p. 32).

E é justamente este medo que promove esta fluidez das relações, este temor por mergulhar fundo na vida, por conhecer de fato sobre as coisas, por valorizar de verdade aquilo que realmente importa. A vida torna-se fugaz pelo medo que a modernidade nos implanta. Devemos evitar a estrutura. Não é apropriado conhecer o que está por trás das coisas e este obscurantismo não declarado, nos promove um medo inexplicável e um modo de vida vago, de relações superficiais e de existência vazia, ou seja, uma velocidade imensa em tudo o que nos envolve, uma compressão na noção de espaço-tempo e uma ideia falseada sobre o mundo.

E enquanto não desenvolvermos instrumentos capazes de nos fornecer uma visão mais crítica e realista sobre a história, o tempo e as nossas relações, “*O demônio do medo não será exorcizado até encontrarmos (ou, mais precisamente, construirmos) tais ferramentas.*” (BAUMAN, 2007 p. 32)

Somente estas ferramentas possibilitarão que compreendamos a diferença entre o “Ser” e o “Vir-a-Ser”. Vivemos em uma dinâmica marcada pelo imediato, pela imagem forjada no bojo de um sistema de aparências e simbologias falsas e frágeis. Precisamos apurar o nosso olhar, aprimorar esta capacidade de análise e observação, somente assim saberemos a diferença entre a essência e a aparência.

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Podemos começar a compreender a pós-modernidade como condição histórico-geográfica. Com essa base crítica, torna-se possível lançar um contra-ataque da narrativa contra a imagem, da ética contra a estética e de um projeto de Vir-a-Ser em vez de Ser, buscando a unidade no interior da diferença, embora um contexto em que o poder da imagem e da estética, os problemas da compreensão do tempo-espaço e a importância da geopolítica e da alteridade sejam claramente entendidos. (HARVEY, 1989, p. 325)

O autor fala justamente sobre esta inversão de valores que hoje existe entre o Ser e o Ter. Hoje, “Ter” é o que importa! O que vale é a aparência daquilo que demonstramos ser e não o que Somos de fato. Mas o que Somos, é algo impossível de ser estabelecido, já que o sistema não permite tal condição verdadeira de manifestação da liberdade humana.

Para que isso ocorra, é necessário este rompimento, é importante deixarmos de lado este “Ser” e passemos a buscar o “Vir-a-Ser”, ou seja, que caminhemos ao encontro de nossas potencialidades, de nossa emancipação de fato, e não que continuemos acreditando numa falaciosa ideia de liberdade e numa suposta sociedade livre e real.

5. Considerações Finais

“Sei que você está aí. Eu sinto você agora.

Sei que está com medo. Está com medo de nós.

Está com medo das mudanças. Eu não conheço o futuro.

Eu não vim aqui te dizer como isso vai acabar. Eu vim aqui te dizer como vai começar.

Vou desligar este telefone e vou mostrar a essas pessoas o que não quer que elas vejam.

Vou mostrar a elas um mundo sem você.

Um mundo sem regras e controle, sem limites e fronteiras.

Um mundo onde tudo é possível.

Para onde vamos daqui... é uma escolha que deixo pra você.”

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

Matrix encerra o seu primeiro filme com Neo, falando a frase acima em um telefone. Ele envia um recado ao sistema e deixa um chamado a nós, ainda presos a ele. Neo diz ao sistema que sente o seu medo, que sente que ele está inseguro com as possíveis mudanças e que mesmo não conhecendo o futuro e sem saber ao certo como tudo terminará, ele sabe como vai começar. Harvey também não nos aponta o final, mas nos indica o início. As irmãs Wachowski são geniais neste encerramento, mesmo depois de terem cometido algumas distorções e equívocos com as teorias e analogias utilizadas em sua obra.

Já que as citei, vale a pena trazer o caso real de suas vidas para uma pequena reflexão também. Lana e Lilly Wachowsky são mulheres há pouco tempo. Até 2008 Lana era Larry Wachowski e Lilly tornou-se mulher em 2016. Até então ela era Andy. Os irmãos Wachowski tornaram-se “mulheres trans” (transgênera).

Isso não é simbólico? Dois homens que produzem um clássico do cinema repleto de elementos e símbolos da pós-modernidade – fluida, volátil, mutável, veloz, multifacetada – e que depois tornam-se mulher? Quando que no século passado, os grupos sociais no auge de suas turbulentas lutas por direito e identidade, poderiam imaginar que aquilo que mais consideravam fixo e imutável poderia ser modificado? Onde nos anos 1960 ou 1980 aceitávamos como natural a ideia de mudança de gênero? O máximo que conseguíamos refletir era sobre a condição da homossexualidade e com muita dificuldade, diga-se de passagem.

A possibilidade da mudança de gênero é um elemento da pós-modernidade, não tem como negarmos. E a condição das irmãs Wachowski é um exemplo perfeito de tudo o que estamos discutindo. O que simboliza uma “mulher trans” senão uma mulher que se livrou de um casulo que a aprisionava. Ela era uma mulher presa a um corpo masculino, reprimida por um complexo de convenções e valores que obrigavam ela a agir e a viver como alguém que ela não era. Ela tinha em suas mãos o “Ser”, mas precisava “Vir-a-Ser”.

Lana e Lilly, ao menos no princípio básico da liberdade de seu casulo opressor, conseguiram sua emancipação. Sabemos que não existe uma plenitude em suas

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

condições, assim como na de ninguém, mas elas avançaram em uma outra direção. Caminharam em busca do que de fato são na essência.

Desde quando isso é possível? Em meados do século passado, tanto a questão tecnológica e da medicina, não permitiam tais mudanças, e o aparato jurídico também não estava totalmente pronto para tais transformações. Mas hoje já existem ferramentas, elas estão postas de alguma maneira, e o que o filme nos apresenta é justamente isso, e fica explícito na fala final de Neo, assim como também nos disse David Harvey ao nos orientar sobre a possibilidade de contra atacarmos utilizando as narrativas contra as imagens, nos apoderando da ética para nos contrapormos a ditadura da estética e buscando criar um projeto que nos levasse a “Vir-a-Ser” em detrimento do “Ser” tão cultuado e valorizado nos dias de hoje.

Os irmãos Wachowski resolveram deixar de “Ser” e foram atrás do que seria este “Vir-a-Ser” e se reencontraram de certa forma e dentro das possibilidades do que hoje é possível. Tornaram-se mulher! E é justamente este o apelo que elas nos fazem quando vemos e analisamos Matrix, até as questões mais sólidas e menos prováveis podem ser modificadas e transformadas.

Mas para que tais mudanças de fato ocorram, tudo depende antes de mais nada da nossa capacidade de percepção, do nosso potencial em analisar e enxergar aquilo que talvez já esteja ao nosso alcance e ainda não estejamos vendo da forma como deveríamos.

O processo de abertura dos olhos de Neo, inicia-se quando ele decide tomar a pílula vermelha. Quando decide enfrentar seus medos, eliminar seu desconforto e sair daquela bolha de desconfiança e angústia que ele vivia. Ao decidir por este passo, seus olhos doravante irão doer e ele irá de fato entender o que é realmente o mundo em que ele vive, tendo a oportunidade de mudar a sua história.

Traçando um paralelo com a nossa condição, podemos dizer que talvez a pílula vermelha já esteja na nossa frente e ao alcance de nossas mãos. Talvez apenas não estejamos conseguindo identificar a sua cor e tudo não passe apenas de uma questão de falta de percepção e conseqüentemente de uma mudança da situação de estagnação, para uma

Seminário FESPSP 2017

Incertezas do trabalho 02 a 05 de outubro de 2017

GT 6: Estilos de vida, consumo e práticas culturais

A Arte desvelando a vida: medo e insegurança na modernidade consumindo a existência

Luis Vinicius Belizário – Universidade Federal do ABC - UFABC

condição de constante ação e enfrentamento de um mundo veloz e dito livre, mas que no fundo, tem como um de seus objetivos, nos mantém em uma sufocante e aprisionante inércia.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zigmunt. Globalização: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2003.

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. "Matrix" revisitado: por que Jean Baudrillard não gostou do filme? Cinema Secreto: Cinegnose. Publicação 30 Agosto de 2012

<<http://cinegnose.blogspot.com.br/2012/08/matrix-revisitado-por-que-jean.html>> Acesso em: 24 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Nascimento da prisão. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. As consequências da Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HARVEY, David. A condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 261

YEFFETH, Glenn (Org). A pílula vermelha. São Paulo: Publifolha, 2003.